

SAÚDE E MOBILIZAÇÃO POPULAR NO GROTÃO: UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

A Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade/NESC/UFPB (RMSFC) está inserida em diversos territórios do município de João Pessoa-PB. Dentre os territórios encontra-se o bairro do Grotão, localizado na periferia da cidade. O bairro é definido por equipes de saúde e pela própria população (relatos colhidos no dia-a-dia e em reuniões de equipe ou comunitária) como apático e desorganizado politicamente. Entendendo a importância da organização popular para controle social efetivo, percebemos a possibilidade de atuar frente a essa apatia. Uma experiência que já existia no bairro é o “Conselho Comunitário”, que apesar do nome, trata-se de uma organização estatutária que se propõe a discutir várias demandas do bairro, semelhante a uma associação de bairro, não devendo ser confundida com “Conselho Local de Saúde”. O mesmo então se encontrava com o mandato vencido, e com dificuldades em aproximar os moradores do bairro para participação no espaço como conselheiros. Desde o início da RMSFC os residentes tiveram contato com essa tentativa de mobilização popular no bairro, o Conselho Comunitário que já existia há quatro anos. No entanto, as reuniões do Conselho Comunitário eram esvaziadas, contando com média de oito pessoas, onde a maioria eram profissionais de saúde, e a minoria era a população do bairro. As experiências antigas de tentativa de mobilização, a exemplo de associações de bairro oportunistas (de cunho eleitoral - nas palavras da comunidade), desacreditavam novas experiências de organização. O horário de reunião, mensal nas segundas terças-feiras de cada mês pela manhã, apesar de favorecer amplamente a participação dos trabalhadores das unidades de saúde, não favorecia a participação dos trabalhadores que moram na comunidade. O próprio espaço para reuniões, a sede dos Alcoólicos Anônimos (AA) no bairro, localizado na extremidade do bairro, e pelo tamanho reduzido da estrutura, não favoreceria a participação de muito mais gente. Pensando em reavaliar esses quatro pontos (auto-percepção, espaço, horário e participação popular) articulamos uma reunião extra-ordinária para o espaço da escola municipal (que fica encravada exatamente no centro da comunidade) no horário da noite. Assim, organizamos, junto com equipes de saúde e com os moradores que já eram conselheiros desse conselho, os passos para reviver o Conselho Comunitário, que iniciaria com a 1ª Assembléia do bairro do Grotão. Discutiu-se as estratégias para tal, articulação de carro de som, levantamento de lideranças e instituições/organizações que atuem no bairro classificadas por segmentos (definidos em reunião do Conselho como sendo Juventude, Religioso, Idosos, Esportes, Saúde, Educação, Moradia, Mulher e gênero, Ambiental, Comércio e feirantes, além das Associações já existentes), confecção de convite para essas lideranças e representações de segmentos, ação dos Agentes Comunitários de Saúde convidando moradores, articulação com a escola municipal para ceder o pátio para realização da assembléia, montagem da pauta orientada (apresentação do Conselho Comunitário, conquistas do Conselho, eleições). Nessa primeira assembléia conseguimos uma participação mais efetiva dos moradores do bairro, contando entre novos e antigos atores (moradores, ONGs, representantes de segmentos) aproximadamente quarenta pessoas, numa grande roda de conversa seguindo a pauta sugerida. Foi um momento de apresentação daquilo que já existia há quatro anos, mas nem todo mundo conhecia. Alguns interessados na proposta, outros curiosos e outros ainda desconfiados. Mas ainda não havíamos conseguido vencer o problema do mandato do Conselho, mas pelo menos já havia sido dada visibilidade para este. Dar visibilidade para momentos como aquele é muito importante, pois reunirem-se, quarenta pessoas, no “meio da semana” à noite, para discutir sobre organização do

bairro é uma prova cabal de que existem pessoas no bairro interessadas, que há vida política ali, e que a apatia propagandeada, não passa de ilusão. E que devemos ter muito cuidado ao divulgar informações como essa, pois podem incutir, realmente, a idéia de apatia numa comunidade com latência de mobilização! Articularam-se novas reuniões extra-ordinárias (num total de três, nos meses de Dezembro de 2009, Janeiro de 2010, e Fevereiro de 2010) com o objetivo de irmos agregando novos atores (a exemplo dos moradores do acampamento 1º de Abril, que até então não participavam das atividades organizativas do bairro), e fortalecendo a participação de outros atores mais antigos. Na terceira reunião conseguimos identificar a intenção dos moradores em ser conselheiros, atingindo o numero de vinte conselheiros, numa reunião com mais de quarenta pessoas. Apesar dos vinte conselheiros eleitos, a comunidade tem uma maneira particular de organizar-se, de maneira que, as reuniões dos conselheiros são, em verdade, fóruns comunitários, onde todos (conselheiros e demais moradores) têm voz e voto, opinando e sugerindo suas demandas para discussão. O conselho, em si, foge à lógica da democracia meramente representativa, durante suas reuniões. Mas as reuniões e articulações apresentavam alguns entraves (os quais continuam, e continuamos lutando contra) que trata-se da influência e ideário no senso-comum pela busca primeira de apoio em parceiros institucionais governamentais como meta estratégica para alcançar sua organização e demandas. Assim a participação de órgão do governo nas reuniões tentando pautar e propagandar as ações dos administradores locais é freqüente, contando com a “boa-fé” da população local, que acredita na representatividade eleitoral como uma expressão de cidadania. Mas essa participação externa serve unicamente à desmobilização e enfraquecimento da soberania comunitária. Apesar desse entrave, precisávamos insistir na organização popular e tentar fomentar a discussão para a autonomia da comunidade em relação a órgãos tendenciosos vinculados a governos. Nesse sentido as propostas de formação política crítica para os conselheiros (e demais participantes das reuniões) tem sido uma constante, com o apoio de movimentos sociais organizados e da população organizada. Já tendo sido articulado um curso de formação sobre os direitos concernentes às Zonas Especiais de Interesse Social, e rodas de diálogo sobre outras perspectivas para as organizações populares. Representantes dos segmentos educação, saúde, moradia, religião, juventude, esportes, idosos, entre outros, se integraram ao novo mandato do Conselho. Este, já ativo, tem organizado demandas de saúde, infra-estrutura e meio-ambiente, dialogando com instancias municipais e ONGs para realização dessas atividades. Entendemos que é um movimento necessário, mas reforçamos a necessidade de discutirmos junto ao Conselho, o sentimento de identidade do bairro, para o fortalecimento do Conselho perante demais demandas. Seguindo na tentativa de viabilizar um espaço/momento em que a comunidade pudesse ter maior participação, as reuniões ordinárias agora acontecem nas segundas terças-feiras de cada mês na escola municipal do bairro. A participação tem sido mais efetiva, apesar de, depois da euforia inicial, ter havido um pequeno esvaziamento, que agora deve ser combatido através de outras estratégias para que o Conselho constituído permaneça forte e participativo no bairro. O trabalho de organização de comunidades é muito importante para efetivação do controle social. E entendemos que o Controle Social deve prezar pela sua autonomia, estando muito além de apenas diálogo institucional. É preciso sim, a autonomia dessas organizações frente a demais instituições, o que, apesar de tudo, não exclui um diálogo com demais instâncias e setores, mesmo que governamentais, desde que não firam a soberania da comunidade. Assim as reuniões seguem, com a tentativa de incluirmos nas pautas das reuniões a questão da formação política e independência do Conselho contra agentes políticos externos vinculados a governos e demais parelhos Estatais. O trabalho com comunidades deve

imprescindivelmente adequar-se às necessidades da comunidade, numa perspectiva de educação popular freireana, e dialogar sempre com os parceiros que querem verdadeiramente promover a autonomia da comunidade, nesse caso a exemplo das equipes de saúde do bairro. É muito importante que se observe o horário que melhor favoreça os moradores do bairro, que normalmente são trabalhadores nos dois turnos do dia. Promover espaços centrais dentro da comunidade que favoreça o acesso, e que potencializa a participação enquanto parceria também é muito importante. E, sobretudo percebemos que a autonomia é uma questão-chave para o sucesso das organizações populares em sua luta por melhorias e direitos garantidos e luta por aquisição de novos direitos necessários.